



Fragmentos exponenciais: reflexões sobre a temporalidade das construções de narrativas jornalísticas de assassinatos em série e (re)configuração de sentidos¹

Bárbara CALDEIRA²

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Este artigo dedica-se a refletir sobre o aspecto fragmentado das narrativas jornalísticas, valendo-se especificamente de casos que envolvem assassinatos em série. A partir da observação de um recorte da cobertura sobre o “Maníaco de Contagem”, *serial killer* recorrente nas páginas dos jornais impressos de Minas Gerais no ano de 2010, e último assassino com tal especificidade a ganhar grande repercussão no estado, examinamos aspectos da dimensão temporal que articulam a narrativa jornalística. Considerando as contribuições de Paul Ricoeur acerca da temporalidade — tempo vivido e tempo narrado — e da dinâmica da Tríplice Mimeses, propulsora do Círculo Hermenêutico, a abordagem propõe refletir sobre a construção das narrativas e das configurações e reconfigurações de sentidos engendradas pela narratividade e pelos processos de mediação.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; Jornalismo; Mediação; Temporalidade; Mimese.

1. Notas preliminares

O jornalismo obedece a uma temporalidade própria? Como a dicotomia entre o tempo daquilo que é vivido, na dimensão da experiência sensível, e aquilo que é narrado a partir de construções verossímeis pode ser problematizada na atividade jornalística? O aspecto fragmentado da narrativa pode ser potencializado nos processos de constituição da notícia? Esses são alguns questionamentos suscitados neste artigo, imbuídos, porém, de uma especificidade: o contexto da violência e, principalmente, dos assassinatos em série.

A cobertura midiática acerca do Maníaco de Contagem é localizada, aqui, como propulsora dessas reflexões que, mais adiante, se desdobram em ponderações acerca da noção de Círculo Hermenêutico proposta por Ricoeur e das dinâmicas de configuração e reconfiguração de sentidos. O caso de assassinato em série aqui considerado se fez

¹ Trabalho apresentado no Intercom Sudeste 2015 - DT Jornalismo - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Uberlândia - MG, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Jornalista, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais – PPGCOM UFMG, Integrante do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS) e do GrisPress. Bolsista Capes.



fortemente presente nos impressos mineiros durante todo o mês de fevereiro de 2010, desde o dia 02 — data em que a existência de um *serial killer* na Região Metropolitana de Belo Horizonte foi divulgada — até depois de sua captura e confirmação da autoria de ao menos três estupros e assassinatos por meio de comparação de material biológico, em 26 do mesmo mês.

No estudo empreendido na monografia *Narrativas de assassinatos em série: uma análise da cobertura dos jornais mineiros na construção do caso “Maníaco do Industrial: serial killer”*³, que dialoga com este artigo, consideramos as reportagens veiculadas durante essa janela temporal nos jornais impressos Estado de Minas, O Tempo e Hoje em Dia. Em meio a esse material volumoso, foram observadas com minúcias as narrativas acerca de três momentos significativos na narrativa ampliada que podemos compreender como cobertura jornalística: a primeira notícia dada em cada jornal sobre a existência do “Maníaco de Contagem”, a identificação do corpo da possível quarta vítima da ação do *serial killer* e a captura de Marcos Antunes Trigueiro, confirmado como autor de pelo menos três crimes. A partir desse escopo, o artigo convoca pontos específicos observados na análise monográfica, caros às reflexões suscitadas que, mesmo sem corresponder à sua totalidade, norteiam o percurso proposto.

2. Tempo vivido e tempo narrado

Primeiramente, é necessário assumir a perspectiva de narrativa aqui adotada, oriunda das reflexões e estudos de Paul Ricoeur (1913-2005), que oferecem grandes contribuições para o campo das Ciências Humanas e Sociais e são profícuas para a condução de reflexões na área da Comunicação. A relação entre “tempo vivido” e “narração”, ou “experiência” e “consciência”, representa a chave para a análise da construção de narrativas a partir da abordagem do autor francês e mostra-se fecunda como operadora para pensar, também, o jornalismo. Ricoeur (2008) considera que o indivíduo conhece e apreende o mundo por meio das narrativas, citando a literatura como uma espécie de mediadora entre dois mundos, o do produtor e do leitor, raciocínio que pode ser estendido, feitas as devidas ressalvas que perpassam as discussões das especificidades do ficcional e do factual, à dinâmica jornalística.

³ Monografia realizada como trabalho de conclusão do curso de graduação em Comunicação Social/Jornalismo pelo Centro Universitário Newton Paiva (2011).



Contrariamente à tradição do cogito e à pretensão do sujeito de conhecer-se a si mesmo por intuição imediata, devemos dizer que só nos compreendemos pelo grande atalho dos sinais da humanidade depositados nas obras de cultura. O que saberíamos do amor e do ódio, dos sentimentos éticos e, em geral, de tudo o que chamamos de o si, caso isso não fosse referido à linguagem e articulado pela literatura? (RICOEUR, 2008, p. 68).

A narrativa, em Ricoeur, não corresponde exatamente ao vivido, não sendo capaz de retratar, em sua completude fidedigna, o evento, porém refere-se a ele e a ele retorna. A narrativa é, dessa forma, uma organização dos eventos que se estabelece de forma a criar sentido: é possível rearranjar a ação por meio de uma narratividade, mas não reproduzir a própria ação. A relação entre tempo e narrativa, discutida por Ricoeur em sua trilogia “Tempo e narrativa”, parte do embate entre duas perspectivas, inicialmente antagônicas: o “tempo lógico” de Aristóteles e o “tempo da alma” de Santo Agostinho. Santo Agostinho se opôs à antiga afirmação grega, compartilhada por Aristóteles, de que o tempo era equivalente ao “movimento dos astros”, propondo uma nova acepção na qual tempo é interior e “passa-se na alma”. As considerações associam à alma humana uma tripla presença: a do passado, por meio da memória; a do presente, por meio da visão; e a do futuro, por meio da expectativa.

Mesmo aprofundando a questão da vivência humana e adiantando uma das noções comunicacionais mais caras aos estudos da mídia, a consideração de múltiplas temporalidades, a experiência de tempo agostiniana ainda se apresenta de maneira “interna” e subjetiva. É no embate entre as concepções temporais de Santo Agostinho — psicológica, pressupondo um movimento interior — e de Aristóteles, que oculta o tempo da alma na preponderância do tempo cosmológico, que a perspectiva ricoeuriana emerge. Organizado à maneira de uma narrativa, o tempo torna-se “humano”, ao passo que a narrativa extrai o seu sentido da possibilidade de retratar aspectos da experiência temporal. A mídia, em observação paralela, especialmente o jornalismo, tensiona diferentes temporalidades: é ancorada no mote do presente, mas simultaneamente reorganiza o passado e estabelece projeções de futuro, em um processo de “sedimentação e estilhamento de tempos”, do qual falam os pesquisadores Antunes e Vaz (2006).

A mídia curto-circuita os tempos: ao mesmo tempo em que ela é padronizadora do tempo atual — ritma e ordena cronologicamente o cotidiano —, ela põe



também em circulação representações de relações temporais diversas, fazendo emergir outros tempos de outros estratos. São, no mesmo movimento, camadas superpostas e atravessadas. Se, por exemplo, é marca da mídia a promoção de uma obsolescência rápida, um interesse incomensurável pelo que passa — fazendo-o passar por ligeiro, ela o faz buscando também outros valores da ordenação temporal. Para tornar os tempos contemporâneos à experiência, a mídia dá visibilidade a tempos não contemporâneos. Daí que a mídia não somente transporte o tempo; ela faz o tempo. (ANTUNES; VAZ, 2006, p. 53)

A temporalidade específica da narratividade jornalística, que sofre atravessamentos do tempo vivido e do tempo narrado, parece acionar ou potencializar, em alguma medida, o próprio aspecto fragmentário da narrativa. Pensando nos processos de produção da notícia, é possível cartografar uma teia constituída pelos entrecruzamentos temporais.

Na cobertura do caso de um assassinato em série, por exemplo, o jornalista, aqui investido de um papel de produtor de narrativa, recorre às fontes para ter acesso aos estilhaços de uma experiência temporal. As fontes apelam para a memória, múltipla e fragmentada, na tentativa de retornar ao vivido para escolher as informações que serão narradas ao jornalista durante a entrevista. Se a narratividade não suporta a completude da experiência e as falas são perpassadas por questões de ordens diversas, — o aspecto emocional, por exemplo, que baliza a fala de um parente da vítima; uma desordem mnemônica de uma possível testemunha do crime, que costuma recordar-se da experiência por meio de fragmentos não necessariamente cronológicos — é perceptível a malha lacunar resultante do ato de narrar.

O jornalista, então, a partir das entrevistas e de outros dados — estatísticas de órgãos oficiais, recuperação de memória de crimes pregressos afins — busca encadear sua escrita na tentativa de conferir uma sequência lógica ao texto, articulando os fragmentos levantados na apuração. O que era, em sua gênese, fragmentário, tornou-se ainda mais fraturado a partir do entrecruzamento com outros lugares discursivos. O ato de escrever, também, deixará suas marcas no processo: ao elencar o que será levado à luz e o que permanecerá à sombra, pinçando nas narrativas primeiras elementos de destaque e apagamento, o jornalista faz, compulsoriamente, recortes. É possível pensar, até mesmo, que as entrevistas desenvolvidas já são recortadas pelas próprias perguntas norteadoras, o que traz à tona um direcionamento. A subjetividade, então, mostra-se latente, bem como uma dinâmica exponencial da fragmentação. Constituidora e constituída por



sujeitos, experiências e modos de ser e estar no mundo, a narrativa mostra-se, assim, indissociável da complexidade dos vínculos sociais, como reflete Leal (2006):

Dessa forma, ao se (re)constituir uma narrativa mediática, por exemplo, vai se observando que ela se compõe de textos diversos que, em si mesmos, são pequenas materializações das falas sociais. Articulados na superfície narrativa, esses textos podem dar a (re)conhecer um discurso socialmente abrangente, que, por sua vez, integra uma forma discursiva maior. Na relação textos/narrativa/discurso podem ser vistas, então, as condições para inserção e circulação dos falares sociais, das ideologias e da realidade da vida cotidiana. (LEAL, 2006, p. 24)

Mas o que faz passar por totalidade e o que é um recorte? A construção jornalística lança mão de estratégias que buscam estabelecer a verossimilhança e a coerência, rearranjando os elementos, inicialmente desconexos, de forma a garantir certa lógica. A partir daqui, passa a ser vital discutir a importância da intriga, presente na Poética de Aristóteles, eixo organizador da narrativa. O “tempo” que interessa à narrativa jornalística é simultaneamente o tempo da vivência humana de cada personagem integrante da trama, mas se expande em um arco mais amplo, que ultrapassa o limite do indivíduo. Assim, o tempo vivido está representado, e é por meio da intriga que a narrativa poderá ser costurada, conforme Barros (2011):

O tempo vivido vai encontrar o seu reconhecimento na intriga logicamente construída, isto é, no âmbito do tempo construído pela lógica narrativa. A intriga se apresenta como mimese, uma imitação criadora da experiência temporal que faz concordar os diversos tempos da experiência vivida (temos aqui a “concordância discordante”, uma noção introduzida por Ricoeur). Deste modo, enfim, a Intriga agencia os fatos dispersos da experiência em um sistema, em uma totalidade de sentido. (BARROS, 2011, p. 10)

A tensão temporal presente na trama da narrativa — conciliação entre as dimensões cronológica e não-cronológica — já são traços do tensionamento entre concordância e discordância. A trama narrativa busca produzir sentido por meio de um “todo significativo”, utilizando a configuração de uma determinada sequência de eventos conduzindo ao engenho de um terceiro tempo, marcado pela “concordância discordante”. A percepção agostiniana do tempo considerava o “tempo da alma”, ou seja: o tempo vivido. Porém, o tempo concebido dessa maneira não é possível de ser partilhado, visto que não é universal. A própria alma do indivíduo pode oscilar em suas percepções de tempo de acordo com um determinado contexto, levando em conta o seu



“campo de experiências”, ou seu passado, e o “horizonte de expectativas”, o seu futuro. Uma situação desagradável ou angustiante, por exemplo, faz com que o indivíduo experiencie o tempo de uma forma lenta, ao passo que uma atividade prazerosa confere à noção de tempo experimentada pelo indivíduo uma notável velocidade.

Ultrapassando a variação interna, da instância individual, está a diferença da percepção de tempo entre dois indivíduos distintos, diante de uma mesma situação dada pela relação singular que cada pessoa estabelece com o passado, presente e futuro, e a forma como essa percepção se modifica. Portanto, sendo o “tempo da alma” múltiplo, discordante mesmo no interior de um indivíduo, potencializadas serão as discordâncias na construção de uma narrativa, da qual fazem parte as experiências de vários indivíduos. Cada um desses indivíduos irá narrar o que considera verdadeiro para si:

Em nome de que proferir o direito de o passado e o futuro serem de algum modo? Ainda uma vez, em nome do que dizemos e fazemos a propósito deles. Ora, o que dizemos e fazemos quanto a isso? Narramos as coisas que consideramos verdadeiras e predizemos acontecimentos tal como os havíamos antecipado. (RICOEUR, 1994, p. 26)

Há a necessidade, em busca do compartilhamento, de que a trama narrativa seja entretecida por diversos fios que configuram vários destinos individuais, mas que, irrefutavelmente, precisam estar dispostos em episódios conectados, pesando, ainda, proposições de sentidos para cada ação. O produtor de narrativas, por meio das intrigas, tenta garantir a verossimilhança entre eventos, episódios e incidentes discordantes. Ao caos das controvérsias, rupturas e atravessamentos, é mandatório impor uma ordem, ritmo. Construir narrativas parece, então, antes de tudo, hierarquizar, em um jogo de mostrar e esconder.

3. O Círculo Hermenêutico

Nesse sentido, a noção de Círculo Hermenêutico, em Ricoeur, se relaciona intensamente com as reflexões acerca da temporalidade. É importante, aqui, ressaltar que a narrativa não corresponde ao “real”, mas propõe representações a partir de recortes. O leitor é quem, nessa dinâmica, tem poder de estabelecer relações com o vivido, ocupando lugar de destaque nos processos de significação, como observa Barros:



Será oportuno destacar que, para Ricoeur, a narrativa não pode se limitar a uma pretensão de vir a se constituir mera imitação do real, mesmo que isso fosse possível [...]. Ela (narrativa), embora apoiada em referências reais, deverá ser claramente assumida como uma construção (na verdade uma construção também do leitor), uma vez que a intriga já se coloca desde o princípio como “imitação criadora”: representação construída pelo sujeito. Com a narrativa histórica proposta por Ricoeur, o que se buscar não é, portanto, mostrar meramente o que se passou, mas sim estabelecer uma referência a esse vivido e depois retornar a ele. (BARROS, 2011, p. 15)

Com a participação do leitor nesse fluxo, a narrativa emerge do vivido e a ele retorna, transformando-se e transformando-o em um único movimento. A narrativa é, dessa forma, o esforço de reflexão do vivido sobre ele mesmo, por meio das mediações do produtor de narrativas, que constrói o texto, e da participação recriadora do leitor, que interage e ressignifica a narrativa, compreendendo, por meio dela, a si mesmo e ao mundo.

A análise desse processo, então, recebe a contribuição da Hermenêutica, campo da filosofia que estuda a teoria da interpretação. A perspectiva hermenêutica delineada por Ricoeur bebe de questões trabalhadas na Crítica Literária, que examina os sentidos e significados de um texto; das ciências que propõem o estudo da configuração de um texto, como a Semiótica Estruturalista; dos estudos empreendidos sobre a recepção de um texto (Comunicação, por meio da teoria da recepção; e a Linguística, que tenta compreender o funcionamento da própria língua). Essas apropriações feitas por Ricoeur são rearranjadas em um único movimento, com a ambição de examinar as relações entre o texto e o viver.

A Hermenêutica ricoeuriana procura, dessa forma, reorganizar tais questões, em um círculo eternamente renovado e nunca estanque, no qual apresentam a mesma importância os produtores de textos ou os leitores, assim como os artistas e produtores de arte, integrando todos no mesmo movimento de criação que parte do vivido e retorna a esse mesmo vivido. A esse processo, Ricoeur dá o nome de “Círculo Hermenêutico”, que apresenta três momentos interligados, sendo uma estrutura trifásica móvel que retorna sobre ela mesma. Trata-se da Mimese 1, a prefiguração do campo prático; a Mimese 2, a configuração textual; e a Mimese 3, a refiguração na recepção da obra. Os três momentos do Círculo Hermenêutico constituem instâncias criadoras, acionando o



poder humano da imaginação e da representação do mundo. Nas concepções de Carvalho (2012), o movimento da tríplice mimese não só engendra a concretude narrativa, mas também promove apontamentos para as dimensões éticas que perpassam o ato de narrar.

Partindo de um mundo pré-configurado, a mimese I representa mais concretamente as dimensões éticas, o mundo social em sua complexidade; a mimese II é o ato de configuração, a presença marcante de um narrador, mas também a mediação entre mimese I e mimese III, que corresponde à reconfiguração, momento que marca a presença ativa do leitor. (CARVALHO, 2012, p. 175)

Para Ricoeur, o exercício da leitura e o atravessamento do leitor permitem o preenchimento de lacunas presentes no texto. Assim, a partir do Círculo Hermenêutico é possível pensar em um viés que não condiciona a significação de uma narrativa à instância que a cria, ao produtor. Antes, pressupõe, como pano de fundo, uma postura crítica e um engajamento por parte do leitor, acarretando, possivelmente, em construções de sentidos individuais e aberturas polissêmicas:

Se a tessitura da intriga pode ser descrita como um ato do juízo e da imaginação produtora, é na medida em que esse ato é a obra conjunta do texto e de seu leitor, como Aristóteles dizia que a sensação é a obra comum do sentido e de quem sente. É ainda o ato de ler que acompanha o jogo entre a inovação e sedimentação de paradigmas que esquematizam a tessitura da intriga. É no ato de ler que o destinatário joga com as coerções narrativas, efetua desvios, participa do combate entre o romance e o anti-romance, e tem o prazer que Roland Barthes chamava de prazer do texto. (RICOEUR, 1994, p. 118)

O cerne da análise ricoeuriana é, comumente, o leitor, e não o autor, visto que apenas o leitor consegue transitar livremente pelo Círculo Hermenêutico, participando das três mimeses, ou seja, dos três momentos de criação e proposição de sentidos:

Na fronteira entre M2 e M3 o leitor “lê” o texto tal como está configurado. No seio da M3, ele “compreende” a narrativa. Na fronteira entre o M3 e o M1 o leitor devolve o texto ao vivido, incorporando o saber aprendido através dele ao seu próprio Viver. O leitor, portanto, é o verdadeiro herói da Hermenêutica Ricoeuriana quando esta se dedica à análise dos textos. Sabemos que o leitor é também o herói da “Teoria da Recepção”. Mas nesta, frequentemente fica-se preso a uma relação que salta da Mimese 3 (leitura) para a Mimese 2 (autoria), procurando dar a perceber como as próprias expectativas do leitor interferem também na prática autoral, que tenta se adaptar a um determinado universo de leitores em potencial. (BARROS, 2011, p. 19)



Sendo assim, cada leitor recebe a narrativa de uma maneira, pois usará de suas vivências pessoais, repertório — um horizonte de leitura —, que culminam no acolhimento dentro de condições específicas. Se o leitor é quem permite que a história retorne ao vivido e mantém uma relação de coautoria, por meio da apropriação particular da intriga, constrói sua identidade por contraste com a identidade de outros, estabelecendo reconhecimentos, comparando situações com a sua própria experiência de vida, elabora uma visão de si mesmo, do mundo e do outro e suas relações de reciprocidade. Portanto, à Intriga, inevitavelmente o leitor acrescenta algo de si, de pessoal.

O que é comunicado, em última instância, é, para além do sentido de uma obra, o mundo que ela projeta e que constitui seu horizonte. Nesse sentido, o ouvinte ou leitor o recebem segundo sua própria capacidade de acolhimento que, também ela, define-se por uma situação ao mesmo tempo limitada e aberta a um horizonte de mundo. (RICOEUR, 1994, p. 119)

É possível notar que a Tríplice Mimese dialoga com a tríade de dimensões de temporalidade: passado, presente e futuro. Além do momento presente, o jornalismo, aqui, é compreendido também como uma possibilidade de resgatar memórias e rearranjar o passado, fazendo, até mesmo, com que haja uma oscilação de destaques em sua multiplicidade. Quanto à projeção de futuro, é contundente o apontamento para a expectativa individual e, até mesmo, coletiva: a narração pode ser compreendida como uma ação de atualização constante que impulsiona processos de configuração e reconfiguração de sentidos ininterruptos e cíclicos.

4. Fragmentos nas páginas dos jornais

É possível perceber embates de fragmentos e temporalidade em trechos do material coletado na cobertura jornalística desenvolvida pelos impressos elencados sobre o caso escolhido. O jornal Estado de Minas foi o primeiro a publicar reportagem sobre a existência de um possível *serial killer* em Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, mais especificamente na área industrial. Tendo conquistado um “furo de reportagem”, trazendo o assunto em sua capa no dia 02 de fevereiro, enquanto os jornais O Tempo e Hoje em Dia o fizeram no dia 03, o Estado de Minas afirmava ter informações concedidas com exclusividade e inicia um padrão de identidade visual que se repetiu durante toda a cobertura sobre o “Maníaco do Industrial” ou “Maníaco de



Contagem”, principalmente pelo uso de uma tarja preta com a palavra “*serial killer*” escrita repetidas vezes, cercando o espaço ocupado pela matéria sobre o assunto. A própria ideia de furo dialoga com os questionamentos sobre a temporalidade jornalística e fazem emergir a dimensão de atualidade que se entrelaça com a atividade, sendo o jornalismo conformador e conformado por uma temporalidade específica:

A chave tempo/jornalismo pode ser perscrutada focando-se na maneira como o discurso jornalístico organiza o agir humano; na forma como o aparato tecnológico conforma parâmetros para os processos de temporalização; na forma como o jornalismo põe em relação diferentes dimensões temporais presentes na vida social; e a própria maneira como o jornalismo se revela como uma maneira de lidar com categorias temporais que orientam a vida humana. (ANTUNES, 2014, p. 157-158)

Na reportagem de maior destaque — o assunto foi abordado em vários momentos na edição — são apresentadas as três vítimas que, comprovadamente, foram mortas por uma mesma pessoa: a empresária Ana Carolina Assunção, de 27 anos, a também empresária Maria Helena Lopes Aguiar, de 48, e a contadora Edna Cordeiro de Oliveira Freitas, de 35. As evidências de que o assassino era, de fato, um assassino em série começam a ser apontadas na narrativa, como seu *modus operandi* e “assinatura”. Todas as três vítimas foram estranguladas (Ana Carolina com o cadarço de seu tênis, Maria Helena com o cinto de segurança do carro e, Edna, com o colar que usava), violentadas e, em todos os casos, a família deu falta apenas do celular, sendo que todos os outros objetos de valor foram deixados para trás pelo agressor — elemento indicativo de que a motivação do crime não era roubo. Duas das vítimas foram encontradas em seus próprios carros, abandonados pelo agressor na Região Noroeste de BH. A terceira, encontrada a 50 quilômetros de onde seu veículo estava, em uma estrada de acesso ao Condomínio Retiro das Pedras, em Nova Lima.

Além do apontamento de semelhanças entre os crimes de autoria confirmada de um mesmo assassino, de modo a estabelecer seu padrão de ação, e da suspeita de que mais duas mulheres foram assassinadas pelo mesmo homem, a reportagem destacou outros elementos na narrativa que tinham em comum uma forte carga emocional. Um deles — e talvez de maior comoção — é a presença do filho da primeira das vítimas, Ana Carolina, na cena do crime. O bebê, de um ano e dois meses na época, foi encontrado deitado junto ao corpo da mãe, já morta, e não apresentava sinais de agressão.



Na narrativa, a presentificação da experiência se apresenta pelo reforço descritivo do momento em que a polícia encontrou o corpo da vítima (a foto mostra o carro da empresária cercado pelo cordão de isolamento da polícia e uma aglutinação de policiais), além da carteira de identidade de Ana Carolina, expondo nitidamente sua foto, digital e assinatura. Ali se apresenta a cena de um crime, como que congelada, dando a noção de aproximação entre a experiência e a sua narração. Os fragmentos temporais parecem suprimidos por uma discursividade, quando, em uma perspectiva verticalizada, são potencializados.

O jornal O Tempo publicou, em 03 de fevereiro, junto à matéria principal, um texto complementar — “Cadê o Estado? Dois lados, duas moedas” — que questionava o que o jornal considerou como incoerência com que as autoridades lidavam com questões estratégicas para a segurança pública de Minas Gerais. O impresso posicionou, em paralelo, a postura das autoridades nos casos do *serial killer* e da denúncia da existência de uma máfia de carteiras de habilitação, em pauta na ocasião. O Sistema Estadual de Defesa Social havia enviado para as redações dos jornais uma solicitação de que a existência de um assassino em série não fosse publicada nos veículos de comunicação para que o andamento das investigações não fosse prejudicado.

O Tempo, então, explica de maneira semelhante ao jornal Hoje em Dia, que acatou o pedido para colaborar com o interesse público, uma espécie de esclarecimento à população pelo fato de não ter sido o primeiro a noticiar a história. Logo após a publicação feita pelo Estado de Minas, que optou por ignorar a solicitação, a cúpula da Polícia Civil organizou uma entrevista coletiva para repassar informações aos veículos de comunicação. O que O Tempo critica, porém, é o descaso das autoridades para com as denúncias levantadas pelo jornal sobre a corrupção envolvendo vendas de carteira de habilitação no Detran. A Polícia Civil e o Sistema de Defesa Social se negaram, nesse caso, a dar explicações ao veículo, em tratamento incoerente se comparado ao dado no caso do *serial killer*.

Convocando o Estado por meio de uma provocação, o jornal se localiza no campo da projeção. Na atualidade do presente jornalístico, conclama uma intervenção imediata que diz de projetos de futuro. Ainda, propõe novos caminhos de significação para o caso



do Maníaco de Contagem que ultrapassam o enfoque nos crimes e suas especificidades, lançando o olhar sobre problemas e ineficiências de políticas de segurança pública. Mais do que isso, localiza o leitor no descortinar dos bastidores da notícia, promovendo reorganizações espaço-temporais que incidem na vida cotidiana. Não apenas o Estado é acionado, mas a própria população, chamada a posicionar-se diante do comportamento lacunar e assimétrico dos órgãos públicos. O jornal e o jornalista tornam-se, então, personagens que modificam e são modificadas pelas próprias narrativas, agentes implicados no processo de narrar:

O jornalista é sempre um interpretante. A vida-relato que ele constrói não é meramente um relato sobre algo. É ao mesmo tempo um enunciado narrativo e uma enunciação narrativa, o tempo contado e o tempo de contar se confundem. O jornal vive então como personagem e narrador. (ANTUNES, 2008, p. 19)

O jornal Hoje em Dia, em reportagem da edição de 26 de fevereiro, data da captura do Maníaco de Contagem – “Mais estupro e morte” (bigode “Polícia Civil de Minas acredita que Marcos Antunes Trigueiro seja responsável por outros crimes, além dos assassinatos de cinco mulheres”) –, também opera com estratégias de emergência de memórias para construir sua narrativa. No primeiro parágrafo do texto, brechas são acionadas para novas significações: “Marcos Antunes Trigueiro, que segundo a Polícia Civil de Minas Gerais estuprou e matou cinco mulheres, pode ter sido responsável por outras mortes e estupros”. Na frase seguinte, há evocação de memória de casos anteriores de *assassinos em série*, na fala do delegado Édson Moreira, chefe do Departamento de Investigações: “Não aquelas de 1999, nem as relacionadas recentemente pela imprensa, mas outras, que estamos investigando”. O texto afirma ainda que o inquérito não havia sido concluído, mas que as investigações apontavam que as cinco mortes ocorridas no Bairro Industrial tiveram as mesmas características. Por meio dessa dinâmica de construção, o leitor é convidado a novos rearranjos: “será o Maníaco de Contagem também responsável por outras mortes não resolvidas dentro da cidade?”.

Ainda na proposição de ressignificações, outro ponto do texto que merece destaque é a presença bem demarcada de um elemento introdutório de desconforto e repugnância pela figura do “maníaco”: a bolsa de colostomia que Marcos usava presa à cintura, desde que foi atingido por um tiro na barriga em uma briga, se rompeu durante um dos



ataques, deixando o veículo da vítima completamente sujo. Se as construções de sentidos não são estanques, cada nuance da construção aciona mais uma rede de possibilidades, que se sobrepõem de forma compulsória: a representação oscila de “aquele que subjuga e humilha” para “aquele que é humilhado por essa exposição e condição”, mesmo que em um olhar catártico.

A foto escolhida para ilustrar a matéria mostrava Marcos Antunes Trigueiro cabisbaixo, sendo conduzido por dois policiais e cercado por equipes de jornalismo. Em um quadro logo abaixo da foto, o fato de o temido *serial killer* ter sido preso debaixo da cama ganhou destaque. As reconfigurações, assim, se multiplicam, introduzindo a contraposição irônica de que o homem que violentou e matou mulheres tentou se esconder debaixo da cama, em uma ação quase infantil, que processa uma caracterização de desespero e covardia à figura que antes era a que infligia o medo.

5. Considerações finais

É possível perceber que o teor fragmentário da narrativa se expande reticularmente na dinâmica do fazer jornalístico, ancorado, especialmente, na questão da temporalidade, ou melhor, das múltiplas temporalidades. Inseridas no fazer noticioso, narrativas midiáticas em torno de assassinatos em série são perpassadas pela incompletude intrínseca ao ato de narrar, dispondo, por isso, de elementos e estratégias próprios para a garantia da verossimilhança. O entendimento do processo comunicacional sob a ótica do Círculo Hermenêutico, por sua vez, suprime uma abordagem que se dedica a observar relações de causalidade e intencionalidade para se debruçar sobre o processo permeável e poroso de configuração e reconfiguração de sentidos e das novas proposições de significação do qual faz parte, como protagonista, o leitor. A recuperação de memórias específicas, os recursos afetivos dispostos e as projeções de futuro por meio de expectativas são linhas que atravessam, multidimensionalmente, as narrativas dos assassinatos, sendo até mesmo a rejeição e objeção imediata à figura do *serial killer* uma espécie de projeto de futuro articulado pela narratividade.



Referências bibliográficas

ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. *Contemporânea*, vol. 6, nº1. Jun. 2008.

ANTUNES, Elton. O jornalismo é história malfeita?. In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. Para entender o Jornalismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. Mídia: um aro, um halo e um elo. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera. Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BARROS, José D'Assunção. Paul Ricoeur e a narrativa histórica. *História, Imagens e Narrativas*, n.12, 2011. Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao12abril2011/paulricoeur.pdf>>. Acesso em: 05 de maio de 2015.

CARVALHO, Carlos Alberto. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. *Revista Matrizes*, ano 6. São Paulo: 2012.

LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera. Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e Ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2008.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: tomo I*. São Paulo: Papyrus, 1994.